

Desconhecendo o que a criança e os professores sabem

ANA CAROLINA CARVALHO¹

Da minha segunda escola, tenho lembranças fugazes, mas recorrentes, como *flashes* que vão e sempre voltam em minha memória. Eu devia ter o quê? Quatro, cinco, seis anos no máximo. Estudava em uma escola que ficava dentro de um clube, na cidade de São Paulo. Era uma escola pequena, algumas salas de aula ao redor de um pátio coberto. Mas tínhamos um parque gigantesco à nossa disposição. Concebido para muito mais crianças do que os alunos daquele acanhado “Jardim de Infância”, pois havia sido feito para todas as crianças sócias daquele clube.

A enormidade do parque cheio de areia e de brinquedos ocupou o meu imaginário para sempre, habitando livros que li, dando forma aos cenários que precisava imaginar. O escorregador em forma de um foguete, muito alto, era um desafio que se impunha cotidianamente, até que eu, finalmente, pude tomar coragem, e não apenas subir as suas escadas e ficar olhando pra baixo com vontade e com medo, mas de fato descer, escorregando em sua chapa quente, assustada, e em segundos, aliviada, com os pés bem postos na areia.

Havia um castelo meio labiríntico nesse parquinho. Sou imensamente grata a ele, tenho afeto pelas lembran-

ças de suas paredes curvas e por todos os cantos sem saída que se transformavam em casinhas, quartos ou em medo, se eu estivesse fugindo de alguém. Entre essas mesmas paredes, também era impossível não brincar muitas vezes embarcada pelas histórias de reis, rainhas, príncipes e princesas. Mais tarde, até hoje eu não sei muito bem o porquê, esse mesmo castelo serviu de cenário para uma história que li, *O tesouro de Ana*, de Mirna Pinsky (preciso voltar ao livro para descobrir por que o castelo do meu parque entrou em uma história que se passava, pelo que eu me lembro, numa praia do litoral paulista, mas essas são as artimanhas da imaginação do leitor). Havia ainda um bonde antigo (de verdade) com seus banquinhos de madeira, catraca, janelas. Tomávamos lanche dentro dele, brincávamos nele como se fôssemos pessoas de antigamente. E tinha também o carrossel, os balanços, as árvores. Acho que fui salva por esse parquinho.

Dentro da escola, a vida era bem diferente. O pior era na classe. Ou a caminho dela. Havia uma fila para as salas do pré. Havia duas salas de pré: a dos alfabetizados e a dos não alfabetizados. As tais lembranças são fugazes, mas persistentes. Alguns *flashes* não me escapam, infelizmente. Eu queria estar na fila dos alfabetizados, olhava para aqueles alunos com uma inveja danada. Eu já lia, mas não tinha jeito de me esmerar nas bolinhas e nos pontilhados de números e letras “necessários” para

¹ Formadora do Instituto Avisa Lá.



ana carolina

aprender a ler e a escrever. A fila me excluía daqueles que sabiam algo que ainda me faltava. Eram completos, eu incompleta. Tinha raiva da tia Silvia, a professora dos não alfabetizados. A minha professora. Talvez a culpa fosse dela. E minha. Culpa de não saber? É a minha primeira lembrança de uma relação persecutória com o conhecimento, como algo que está fora de mim, que ainda não sei. Hoje tenho a consciência de que o conhecimento é construído num processo em que aquele que conhece é ativo, pensante. “Ninguém sabe tudo, mas também ninguém não sabe nada”, me segreda Paulo Freire, tentando reparar o estrago precoce, aparecendo para me consolar nas vezes em que ainda me pego naquela fila, assustada com o que não sei, temendo o que ainda não tenho. Que está fora, longe, a ser decifrado e não pensado, vivido.

Quantas professoras e professores não viveram, assim como eu, essa relação com o conhecimento? Por que aquele parque, tão rico, pulsante, era tão apartado da sala de aula? Tenho cada vez mais conversado sobre leitura com professores e professoras, em encontros de formação. Muitas vezes, quando lemos um texto que mexe com todos, ainda ouço professores me dizerem: “não sei o que falar dele para meus alunos, não sei conversar sobre ele; não seria mais fácil saber qual a mensagem que ele nos passa?”. Saber a mensagem significa pensar no que está fora, algo pronto, que não sei e preciso aprender. Saber a mensagem é não se relacionar de modo subjetivo e livre com o texto. Fazer o trabalho de leitor. Ser leitor. Quando os professores me falam que não sabem o que está no texto, eu sempre penso na fila em que me via tão desqualificada, na falta de liberdade de pensamento e nas amarras que a escola pode, habilmente, criar para seus alunos. Quando os professores não acreditam que o que sentiram e o que pensaram sobre um texto valem como moeda de troca, como a carne real e suculenta de uma boa conversa entre leitores, é preciso trazê-los imediatamente para fora da fila dos que não sabem. Fazê-los trazer as histórias que viviam em seus parques e cantos para dentro da sala de aula, para perto dos textos. Fazer da imaginação e do pensamento a casa para o conhecimento. ●

MONTAGEM COM DESENHOS DE ANA CAROLINA CARVALHO

